

“Doutor, as patas de trás do Thor paralisaram hoje de manhã. Ele deu um ganido e parou de andar...”

Esta cena não é novidade para o clínico de pequenos animais ao atender donos ansiosos pela repentina paralisia de Poodles, Dachshunds, Lhasa Apsos e outras raças predispostas. Como aumentar as chances de seu paciente na recuperação neurológica diante das hérnias de disco?

O episódio acima descrito caracteriza a maioria absoluta dos relatos de anamnese relacionados a um quadro cada vez mais presente na rotina das clínicas de pequenos animais: as hérnias de disco decorrentes da doença degenerativa do disco intervertebral.

Os fatores clínicos deflagradores destes quadros são múltiplos e por vezes concomitantes,

maior gravidade na ocorrência de extrusão, repentina ou progressiva, de material calcificado do núcleo pulposo do disco, após a ruptura do anel fibroso que o contém, permitindo seu deslocamento em direção ao canal vertebral e à raiz nervosa deste segmento medular.

Embora seja reconhecido neste momento um mecanismo de contusão medular, pois o pequeno volume de disco é muitas vezes expulso com velocidade suficiente para causar pequenos hematomas localmente e portanto lesão contusa, estes quadros tem no processo isquêmico subsequente sua grande perversidade.

Aliás, é o reconhecimento do processo compartimental e isquêmico da medula que permite que o clínico se sensibilize para o fato de que a rapidez de diagnóstico e intervenção é crucial para o prognóstico.

Sob esta óptica, o que se poderia considerar uma boa sequência de tomadas de decisão?

O primeiro ponto que talvez deva ser ressaltado é que a tradicional conduta de estabelecer analgesia, corticoideterapia e restrição de espaço por alguns dias não só é insuficiente como perigosa.

É verdade que parte dos casos manifesta quadros de menor gravidade, com compressões leves da medula, reversíveis diante da terapêutica conservativa. Entretanto, a gravidade ou não de uma compressão medular por extrusão discal é essencialmente determinada pelo volume e localização desta extrusão, assim, nos primeiros dias da sintomatologia, enquanto se espera a

resposta terapêutica, podemos estar diante de extrusão de grandes volumes cuja consequência é o imediato estabelecimento de uma área medular absolutamente isquêmica que evoluirá para lesão neuronal permanente.

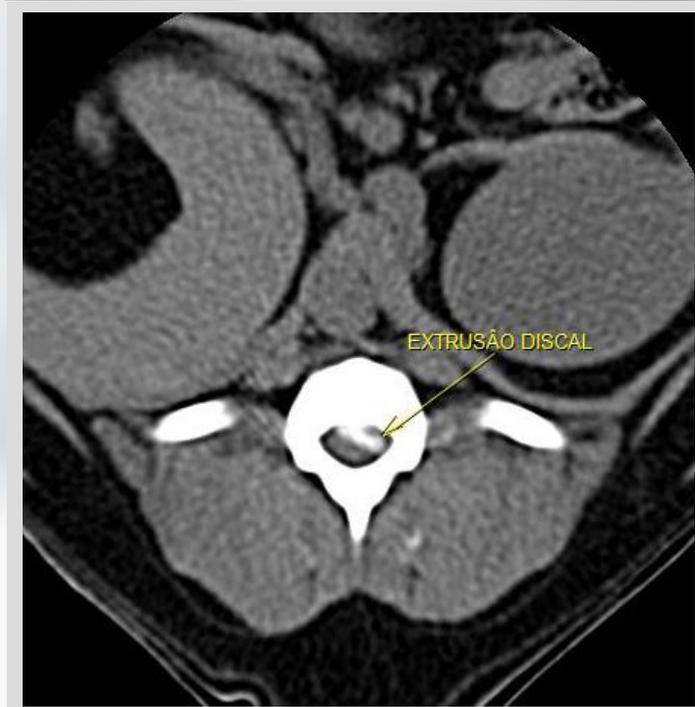
Como definimos então se estamos de uma hérnia volumosa o suficiente para indicar a descompressão cirúrgica?

Os exames de imagem são essenciais neste ponto, e o diagnóstico obrigatoriamente deverá somar a gravidade do déficit neuronal às imagens de ressonância magnética ou tomografia computadorizada, os únicos exames que conferem precisão para a tomada de decisão cirúrgica, embora a mielografia radiográfica simples, por muitos anos nossa única alternativa, possa ser um recurso quando da indisponibilidade de tecnologias diagnósticas mais atuais.

Assim, diante de eventuais indicações cirúrgicas, a maioria dos quadros passa ao rápido encaminhamento para hemilaminectomia vertebral como único procedimento que permite a descompressão mecânica da medula e a reversão do quadro compartimental. Estes procedimentos são tão mais bem sucedidos quando maior a precocidade da intervenção. A janela de oportunidade cirúrgica com foco na reversão do déficit neuronal tem sua maior efetividade nas primeiras 48 horas, o que caracteriza toda a cascata de diagnóstico e intervenção como de urgência.

Embora os procedimentos de descompressão cirúrgica não sejam isentos de complicações, especialmente aquelas relacionadas à ocorrência imprevisível de mielomalácia, quadro de rápida degradação neuronal ascendente que evolui quase invariavelmente para óbito, os resultados cirúrgicos dos casos conduzidos com rapidez são animadores e, apoiados por rotinas de reabilitação fisioterápica, permitem apresentar aos proprietários um caminho possível, diferente da simples aceitação da paraplegia.

Prof. Msc Luis Artur Giuffrida • Cirurgião do Hospital Veterinário Santa Inês - SP • Diretor curso medicina veterinária da Universidade de Guarulhos/SP.



Tomografia Computadorizada Multislice demonstrando extrusão de disco

assim podemos considerar a predisposição genética à degeneração progressiva da estrutura do disco intervertebral em muitas raças, especialmente as condrodistróficas, doenças endócrinas, obesidade e sedentarismo. O fato é que aparentemente esta casuística tem se acentuado em nossa rotina, acometendo inclusive animais bastante jovens, por vezes com dois ou três anos de idade.

O mecanismo iniciado muitas vezes com um pequeno salto ou movimentação brusca destes cães resulta na maioria das situações de